

## O que o tratamento do autismo ensina sobre o amor

**Dupla:** C. Castillo – P. Álvarez Bayón

**Integrantes:** G.Tanevitch; M. Piaggi; G. Slatopolsky; D. Teggi; G.Ringuelet; V. Minieri; A.Alonso; P. di Felice; G. García; J. Bojarsky; M. Surraco; M. Robledo; N. Menichelli; M. Meichtri; S. Jacobo

### Introdução:

A pergunta sobre o amor no autismo tinha sido até agora pouco formulada, porque tanto as características do autismo, definidas por Kanner como *sameness* e *aloneness*, quanto a sua etimologia grega, *Autós*, indicam que o autismo pouco tem a ver com o amor, já que o que o caracteriza é a rejeição ao laço com o Outro. Inclusive Miller, comentando o livro *Nascimento do Outro*, estabelece que o Outro simbólico não se constitui no autismo.

Assim surge um paradoxo inicial: como falar de amor no autismo se nem sequer há Outro?

Por isso, a pergunta formulada pelo ENAPOL nos resulta fundamental: apesar de que parece impossível, constatamos a presença do amor, da transferência e do laço no autismo. Mas que tipo de amor, de transferência, que tipo de laço?

Da pergunta separamos três âmbitos nos quais poderia se desdobrar:

- Que tipo de amor estabelece um sujeito autista?
- A transferência na análise é uma forma de amor. Que formas adota no tratamento com autistas?
- Então, o que nos ensina o tratamento do autismo sobre o próprio conceito de amor em si?

### Falemos de amor

Ao iniciar a pesquisa percebemos que uma das nossas primeiras tarefas para a qual deveríamos nos focar era definir: o que é o amor?

Apelamos a Freud para estabelecer uma primeira definição: em *Psicologia das massas*, expõe que numa linguagem usual, chamamos de amor vínculos afetuosos bem diversos. Define a paixão, como a investidura de objeto por parte das pulsões sexuais, que ao alcançar a satisfação sexual direta se extingue: trata-se do "amor sensual". Mas estabelece que o amor é aquela investidura que permite sustentar a relação com o objeto nesses intervalos onde o apetite está ausente, é um laço que permite uma espera na satisfação quando não há uma satisfação imediata.

A respeito do amor em Lacan, temos o amor narcisista, o amor forjado sobre o modelo dos amores edípicos, o amor ligado ao ter, ao dar o que não se tem, ou a elucidação do amor de transferência de *O banquete de Platão*.

Para organizá-las, podemos diferenciar o amor situado em três dimensões:

- O amor imaginário, ligado ao narcisismo, à imagem do semelhante, com a característica imaginária do amor-ódio, já seja completando a imagem egoica ou a fragmentando.
- O amor simbólico ligado ao saber: “a quem lhe suponho saber o amo”. Também o amor simbólico-imaginário ligado ao Ideal do eu / eu ideal, àquilo que desde o lugar do Outro dá um reconhecimento ao sujeito.
- Entretanto, o amor que nos importa para poder pensar no tratamento dos autistas não vai por essa via. É o amor que diferenciaremos como amor real.

Situamos ali o amor vazio de ideais, de identificações, de demandas, de sentido, de vivências com efeitos num corpo. Questionamo-nos se um amor de tais características não é um amor desarraigado do Outro.

Por outro lado, o ENAPOL convida para pensar na transformação do amor. Pensamos que Lacan aposta num amor menos tonto: trata-se de um amor mais real, atenuado dos sonhos de eternidade, um amor ateu, fora da lei do Nome do Pai. Ele supõe um amor eterno que mantém a crença no destino sustentada pela repetição. Em contraposição, o novo amor é o que surge de outra temporalidade, por fora da repetição, fora dos limites da lei. Lacan no final do seu ensino se refere à fugacidade, ao instante, o que se resiste ao eterno, *o amor é eterno enquanto dure*.

Esse amor é pura contingência, é o reverso da providência. A partir do *Seminário 21*, o amor surge de um encontro contingente, é acontecimento, acontece ou não acontece.

Lacan diz no *Seminário 20*: “A contingência, eu a encarnei no *para de não se escrever*. Pois aí não há outra coisa senão encontro, o encontro, no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo que em cada um marca o traço do seu exílio **não como sujeito, mas como falante** do seu exílio da relação sexual”<sup>1</sup>.

### **O amor no autismo.**

A respeito do amor no autismo há dois aspectos: por um lado o amor apresentado na transferência e, por outro, o modo pelo qual os autistas, um por um, tratam, se desenvolvem, no campo do amor.

Com relação ao primeiro, cabe destacar que J.-A. Miller distingue, a respeito da cura de Nádia, o espaço que fica se a analista, Rosine, não se ocupa das necessidades: é o do amor.

Situamos também o “gesto de amor” pensado como um deixar fazer, ou suspender algo que estava sendo feito até esse momento. Nesse sentido, Gerardo Arenas sustenta que “não é um gesto devido à gestualidade, não o define como tal a sua pantomina, mas o fato de que na ocasião do seu surgimento é um símbolo”<sup>2</sup>.

O amor é aquilo que se introduz para estabelecer a conexão com o Outro. Adquire então uma função inédita, de amarração.

Agamben menciona uma observação do escritor latino Varrón, o qual inscreve o gesto na esfera da ação, mas o diferenciando do agir (*agere*) e do fazer (*facere*). “O que caracteriza o gesto é que, nele, não se produz, nem se age, mas se assume e suporta”.

<sup>1</sup> Lacan, J., *O Seminário, livro 20*, Rio de Janeiro., Zahar, 1996, pág. 198.

<sup>2</sup> Arenas, G., “Gestos de amor”, revista Lapsos.

“Um gesto é aquilo que permanece não expressado, ilegível em todo ato de expressão e é pelo vazio que se instaura, que se faz possível uma leitura”<sup>3</sup>.

Todas estas pinceladas descrevem o amor do lado do analista, tema que se ampliará em relação à transferência.

Pensemos agora no amor pelo lado destes seres chamados autistas.

Lacan articula o amor à castração. Diz: “o gozo está interdito para quem fala”, há uma inacessibilidade ao gozo por efeito da linguagem, pelo fato de serem seres falantes.

Pois bem, como pensar então o amor no autismo se não falamos de castração, nem de recalque, mas de foraclusão do furo? Como pensar a impossibilidade do gozo como efeito da linguagem se a sua posição diante dele é, na verdade, a de defesa? Para quem se dirige esse amor, se o autista não cessa de anular toda emergência do Outro? Que trajetória podemos pensar para a pulsão que faz um rodeio pelo Outro para recuperar algo do gozo perdido, se no autismo não falta nada e há um gozo em excesso, em mais?

Maleval ressalta que o objeto autístico, o duplo e o interesse específico são as paixões do sujeito autista. Estes elementos encarnam a borda autística e comandam o seu incrível interesse, "são os seus tesouros". Possuem uma excessiva investidura inicial que seria conveniente atenuar, mas de nenhum modo suprimir. Constituem uma borda porque são intermediários tranquilizadores e que lhe permitem não só se proteger do Outro, mas também se ajustar, tal como testemunha Donna Williams: “aos poucos consegui chegar a existir como um ser dotada de sentimentos e emoções no mundo dos meus sonhos”.

A borda poderia ser o sintoma do sujeito autista funcionando como amarração? O amor ao sintoma desobstruiria o acesso ao amor no autismo?

O duplo real no qual se apoia o sujeito autista permite constituir e ampliar o seu mundo e, em alguns casos, ter acesso à experiência do sentimento amoroso como o testemunha George que, com o seu "falar em gato", conseguiu dizer “coisas que nunca tinha podido expressar anteriormente”. Fora o seu caráter ficcional em estilo Hollywood, relembremos Sam Gardner, personagem da série *Atypical*, com a sua paixão pelos pinguins, que o levam a montar uma série de planos começando a sua idade adulta.

Numa menina, devinda hoje uma jovem diagnosticada como Asperger, a aparição sem sentido de um chinês em seus desenhos, provocava uma gargalhada em cumplicidade com a analista... .

### **A transferência no autismo:**

Freud distinguiu três dimensões da transferência: veículo, resistência e repetição. Por sua vez, Lacan em seu ensino, desdobra a transferência em três registros.

- Com a transferência imaginária, estabelece a resistência erótica positiva na dimensão do amor narcisista, e negativa na agressividade: isto é, o amor-ódio imaginário.
- Com a simbólica, relê a transferência como veículo a partir do conceito de sujeito suposto saber. Também a estabelece como repetição, ligada ao retorno significante ou *automaton*.

---

<sup>3</sup> Agamben, G., *Notas sobre el gesto*, Madrid, Pre-textos, 2001.

- Com a transferência real, diferencia duas dimensões: a repetição estabelecida como *tyche*, e a atualização da realidade sexual do inconsciente: o analista situado como semblante do objeto *a*.

Mas todas estas dimensões da transferência não são úteis para o autismo, onde não se produz a transferência imaginária na medida em que não há um eu constituído, nem a simbólica na medida em que a cadeia significante não se desdobra, nem há um circuito pulsional constituído em relação ao objeto *a*. Por isso não se pode falar em transferência no sentido clássico.

No autismo, a transferência se articula mais ao gozo que ao saber e, por isso, é preciso nos centrar no último ensino, a partir das noções de falasser, mais do que do sujeito do significante; o Um-corpo, mais do que o Outro; e alíngua, mais do que a linguagem.

Então, de que tipo de transferência falamos com relação ao autismo?

Na bibliografia há poucos trabalhos a esse respeito, pela mesma dificuldade que localizamos com relação ao amor.

Lacan na *Proposição* vincula um termo: *encontro*<sup>4</sup>, que nos serve para situar uma transferência que não implica o suporte do sujeito suposto saber, mas a de um partenaire<sup>5</sup> que o autista consinta. Mas sob quais condições poderia se produzir esse encontro, que antes situamos do lado da contingência?

O conceito central para pensar a transferência no autismo é o vazio. O vazio não é o furo, nem a foraclusão do furo. Também não é a perda nem a cessão de gozo. Diferenciaremos os três conceitos, para estabelecer a transferência no autismo: furo, vazio e perda.

Sobre a foraclusão do furo, podemos pegar a definição de Laurent: “os autistas têm acesso a essa dimensão terrível em que não falta nada, pois nada pode faltar. Não há furo e, portanto, nada pode ser extraído para ser posto nesse furo – que não há (...) proposita falar de foraclusão do furo”<sup>6</sup>. Então, qual possibilidade tem a transferência com relação à foraclusão do furo?

O furo e a primeira definição do vazio são conceitos da topologia. Lacan introduz a diferença topológica entre vazio e furo a partir do *Seminário 7*. O vazio é comparado com o deserto: uma superfície sem cortes, infinita, sem relevos; não está delimitado, não tem dentro nem fora, está por todos os lados. Em contrapartida, o furo tem uma borda que o define como tal, construída ao redor do vazio. No autismo, essa dimensão do furo é foracluída, com as suas consequências sobre a borda.

Mas no *Seminário 24*, Lacan introduz outra conceptualização do termo vazio, ligada ao amor, que nos interessa para estabelecer a transferência no autismo.

Este vazio não é próprio da topologia, mas pertencente à filosofia oriental e à poesia chinesa: o conceito de vazio criador. As diversas formas de meditação apontam a alcançar aquele vazio suspendendo todo e qualquer pensamento, toda e qualquer presença do eu.

Lacan estabelece de que forma a poesia chinesa consegue localizar esse vazio, por exemplo, com um *haiku*: “o chapéu dança na montanha”, onde a frase está esvaziada de

---

<sup>4</sup> Lacan, J., “Proposição de 9 de outubro de 1967...”, em Outros escritos, Rio de Janeiro., Zahar, 2003, p. 252.

<sup>5</sup> Laurent, E., *El sentimiento delirante de la vida*, Bs As., Diva, 2011, p. 208.

<sup>6</sup> Laurent, E., *A batalha do autismo*, Rio de Janeiro, Zahar, 2014, p. 80.

referências, de história, de cena, aponta para um vazio que Lacan chamou de *significação vazia*. Ela indica para o vazio apontando para o indizível e, a partir disso, produz um efeito de ressonância no corpo.

Além disso, acrescenta que essa significação vazia só pode se produzir na condição do amor, que chama de um amor vazio. Um amor que se dirige para o indizível e para o vazio criador.

Lacan não usa esses dois conceitos para o autismo, mas são úteis para a transferência: se o furo está foracluído e nada pode faltar, a transferência estabelecida a partir do amor vazio permite estabelecer de que forma o analista pode se servir dele como ferramenta para produzir efeitos de esvaziamento e de ressonância.

Mas com um esclarecimento: o amor vazio na transferência não se localiza do lado do sujeito, mas do lado do analista, que é quem aponta para o vazio no sujeito autista, e essa operação produz efeitos sobre a foraclusão do furo. Deste modo, se produz uma inversão da transferência no autismo.

No autismo, o amor se coloca não do lado do sujeito, mas do lado do analista, que se coloca como *erastes* na transferência da psicose e do autismo, se produz uma inversão da relação amorosa. Isso permite colocar o amor vazio do lado do analista, que introduz a dimensão do amor, com todas as dificuldades que há no autismo com relação a constituir um Outro, a estabelecer um laço ou um partenaire.

Então, a partir da diferença entre furo e vazio - o furo localizado do lado do falasser e o vazio localizado do lado do analista -, é que podemos apontar três efeitos do amor vazio como ferramenta da transferência:

- efeitos de esvaziamento,
- efeitos de ressonância,
- efeitos de perda ou cessão de gozo.

Laurent estabelece os aspectos onde o sujeito autista inventa uma neo-borda que supre o furo foracluído: o encapsulamento autista, o objeto autista, o interesse específico e a iteração. Os efeitos que pode produzir a transferência, de esvaziamento, de ressonância, de perda de gozo, se produzem nesses quatro âmbitos da neo-borda: amplia-se o encapsulamento, o sujeito pode se desprender por momentos do objeto autista, o interesse específico pode se ampliar para novos saberes, a iteração pode se apagar por momentos.

A inversão da transferência implica então que é o analista quem injeta este amor, fora de sentido; não espera nada, não demanda, só aloja, hospeda, "empresta um oco" para quem consinta em habitar esse lugar. Laurent o chama, retomando uma frase de Donna Williams, um "guia que o segue". Poderia se colocar como um paradoxo que caracteriza a inversão da transferência no autismo?

Assim, a presença do analista será de fundamental importância no tratamento, já seja operando como um duplo, ou como uma extensão, um objeto ou um facilitador.

Isto pode se produzir tanto no âmbito da análise, quanto da prática entre vários: o dispositivo terapêutico na instituição apresenta de entrada a possibilidade das múltiplas transferências, na medida em que o paciente possa contar com diferentes Outros aos quais acudir, onde cada um apresenta um traço do qual poderia se produzir uma articulação transferencial.

Dentre essas condições do amor vazio podemos destacar:

Não querer nada do autista, não querer cuidá-lo, não querer o seu bem.

Oferecer-nos como “*escudeiros do autista para acompanhá-lo em seu trabalho de defesa diante do real*”<sup>7</sup>. Manter uma presença *distraidamente atenta, silente e de olhar encostado*.

Reduzir a nossa presença na enunciação, estar de uma maneira não invasiva, ser dóceis e flexíveis, podendo alojar aquelas neo-bordas nas quais se apoiam.

Dirigir uma *demanda não-toda* porque, do contrário, devém em ameaça.

Emprestar o corpo para que o autista faça o seu.

Procurar um forçamento suave das suas defesas para que se ampliem e se tornem complexas. Agir com prudência, porém ativamente.

Estes modos de apresentação pretendem fazer lugar a um vazio na transferência, o qual implica fazer um lugar para os objetos, dentre eles, o analista. É a partir deste lugar vazio que o sujeito autista poderá tentar colocar a sua parte, ou dar o seu consentimento.

### **Clínica em transferência:**

Interessa-nos articular um caso, chamado de B, para compartilhar uma possível conjugação entre o vazio na transferência, o consentimento e o valor da surpresa.

1º movimento. A entrada e o consentimento

A condição proposta de B ao começar na Cigarra é não ser tocado nem roçado. Depois de ter participado de uma oficina com outras pessoas, B envia mensagens pelo *WhatsApp* para o coordenador de forma insistente perguntando se por acaso foi roçado durante a oficina. Tendo em conta a expressão angustiada do jovem que demanda três mensagens, lhe envia duas. Novo chat pedindo a terceira que finalmente é enviada e diante da qual B agradece dizendo "tirou isso de cima de mim". Estabelece assim um gozo que surge diante do contato e resulta insimbolizável.

2º movimento A surpresa

B conta que teve um pesadelo: que o garoto que toca nas garotas queria tocá-lo. Outro colega da Cigarra intervém aos socos para afastar o garoto e colocar B a salvo: foi muito violento, esclarece. O sonho desarma a defesa, ele é tocado, mas antes de acordar, a defesa se restitui com alguém que o protege e que é "muito violento".

3º movimento. Inventar um refúgio

O sonho e o relato tocam a posição de B. Na oficina da fala onde o assunto é sobre um jogo de voltas programadas, B participa sob a condição de ser o último em cada volta. O objeto inovador cujo uso produz o fechamento é um vazio colocado em seu compartimento. A particularidade que introduz B é que no jogo fica um vazio que o afeta.

A transferência é agora essa manobra sobre a moldura que deve escrever a sua fala. O sujeito recobrou o lugar do agente que tinha ficado comovido no sonho, mas já não para

---

<sup>7</sup> Cocoz, V., “El analista escudero”, em *El Psicoanálisis* 32, Revista da ELP, Barcelona, Repto Disseny, 2018.

evitar ser roçado - embora isto insista - mas para dar asas a uma iteração do objeto que produz vazio.

Retomaremos as conclusões de toda esta trajetória na Conversação.

*Tradução: Eva Arenas*